

## Coisas da política

O Presidente  
deu seu recado

Villas-Bôas Corrêa

Das grimpas agora tranqüilas da presidência do PDS, o Senador José Sarney encontra para o discurso do Presidente João Figueiredo perante o auditório dos Oficiais-Generais das Forças Armadas mas, na verdade, dirigido a uma platéia ausente bem mais numerosa e com alguns endereços conhecidos, uma interpretação política que pode ser resumida na observação de que o Presidente, afinal, deu o passo à frente e assumiu o comando da sua sucessão.

A conclusão pode parecer óbvia, mas não é. Pois que o Palácio do Planalto como que sustara as suas fundas desavenças internas para acompanhar toda a área política na expectativa sobre a reação do Presidente Figueiredo depois de absorvidos os resultados — os bons e os péssimos — da eleição que despertou o seu entusiasmo político e o puxou para um engajamento de tempo integral.

Mas, preferindo apresentar perante os Oficiais-Generais do Exército, da Marinha e da Aeronáutica o pronunciamento que não quis formular perante a adiada para não se sabe quando festa do PDS, o Presidente começou por praticar uma decisão política, forrada de intenções transparentes. Afinal, o PDS não conseguiu um desempenho homogêneo. Pulando da euforia de esperanças efêmeras de uma vitória mais significativa para a aceitação conformada de um resultado que é de equilíbrio, expresso nos 12 Governos conquistados pelo PDS contra 10 da Oposição que não refletem toda a complexa realidade do pronunciamento popular, o Presidente tem um julgamento severo da atuação de muitos dos líderes e Governadores na condução do processo eleitoral e da campanha propriamente dita. Num desabafo, comentou o Presidente que onde o PDS não quis inventar candidatos, preferindo buscar as soluções naturais, ou venceu ou fez boa figura. Onde lideranças iluminadas ou arbitrarias impuseram candidaturas extravagantes, o PDS perdeu. Conta nos dedos o Presidente: Pará, Espírito Santo, São Paulo, Minas, Paraná. Com uma única exceção: a Bahia. O Governador Antônio Carlos Magalhães inventou não uma, mas duas candidaturas. Com a morte de Clériston Andrade, no desastre de helicóptero, o Governador enfrentou o desafio de uma improvisação a 45 dias da eleição. A segunda imposição do Governador baiano — João Durval — não ganhou com a vantagem exagerada de 1 milhão de votos, mas foi além dos 500 mil.

Mas, voltemos às observações do Senador José Sarney. De um analista que conquistou o direito de respirar aliviado, ao ser poupado dos sacolejos de uma áspera luta pela presidência do Senado, retirado do campo quando estava

sendo atropelado pela candidatura do Senador Nilo Coelho, lançada como fato consumado, pela decisão pessoal do Presidente João Figueiredo de mantê-lo na presidência do PDS até o final do mandato que termina em setembro e com a reeleição assegurada para mais dois anos, o que significa que será o presidente da legenda do Governo até o desfecho da sucessão presidencial.

José Sarney destaca que o Presidente assumiu a responsabilidade total pelo encaminhamento da sua sucessão. E fazendo, em seguida, outra opção importante: desatendeu aos conselhos para fixar desde logo um calendário, estabelecendo os prazos das conveniências, para ficar com toda a flexibilidade de manobra, Figueiredo é o comandante da sucessão e o juiz único da oportunidade da abertura oficial dos entendimentos.

É claro que a límpida colocação do Presidente, que o seu recado a tantas ambições que deverão saber comportar-se doravante, não estancará a especulação. Mas, já agora, as preliminares terão que ser resguardadas por todos os cuidados para que não sejam desqualificadas pela identificação de um desafio à autoridade do Presidente.

Duas regras fundamentais foram estabelecidas. O Presidente quis ir um pouco além, assinalando um roteiro que se desvia de soluções menores, de uma sucessão travada nos cômodos íntimos da casa reduzida a "uma simples ação entre amigos".

O Presidente João Figueiredo decidiu-se a falar quando o seu silêncio estimulava uma verdadeira corrida pelas raras posições de comando reservadas aos parlamentares na moldura própria do Congresso. A candidatura do Senador Nilo Coelho à presidência do Senado surpreendeu o Governo e não deixou brecha para um reexame mais cauteloso. Ela perturba o equilíbrio da seção do PDS de Pernambuco, na medida em que relega o líder indiscutível do Estado e o articulador de uma das mais gratas vitórias do Governo — o Senador eleito Marco Maciel — a simples atuação no plenário. A outra alternativa que sobrou para o Presidente seria convocar Marco Maciel para o Ministério. Mas não há certezas, apenas especulações, sobre uma reforma parcial do Ministério.

Batendo com o punho firme na mesa e afirmando sua liderança, o Presidente deverá conter as afoitezas do PDS embora não lhe sobre muita margem para intervir na escolha do presidente da Câmara, pelas dificuldades em encontrar um candidato capaz de enfrentar o favoritismo do Deputado Flávio Marcílio.

Mas o Presidente desabafou, lavou o peito. E falou para a platéia que lhe garantiu, ao mesmo tempo, o respaldo da etapa mais delicada e importante do seu compromisso de consolidação democrática mas também de onde partiram algumas manifestações de inconformismo, de crítica, afirmadas em frases da mais desalentadora infelicidade.